

ANHANGUERA DO LADO DE CÁ – OS DOIS LADOS DA JANELA. DESVIOS CURRICULARES EM SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO

Carina Merheb de Azevedo Souza¹

RESUMO

Este artigo se propõe a uma discussão de âmbito acadêmico com o envolvimento de uma experiência pedagógica realizada no segundo ano do Ensino Médio em uma escola privada na cidade de Campinas- SP. Através da interdisciplinaridade e de alguns desvios curriculares, os alunos foram estimulados através de músicas, poesias e imagens a produzir um cartão postal de dois sítios campineiros, segregados socialmente por uma rodovia. Após as produções, os alunos rasuraram suas fotografias através da manipulação de programas da informática e criaram poesias. Desse modo, forçaram o pensamento para uma imaginação alternativa, fazendo deslizar imagens e conceitos dos livros didáticos para novas abordagens espaciais. Trata-se de uma metodologia de pesquisa-ação, baseada na observação psicossocial das obras produzidas pelos alunos e no diálogo com os demais professores envolvidos no projeto. A proposta teve como objetivo o reconhecimento espacial acerca do lugar onde vivem com um novo enfoque geográfico, onde os alunos puderam relacionar as fotografias com suas diferenças e dualidades. Essa experiência só foi possível de ser realizada através da fuga do livro didático e pela opção por um currículo mais flexível e que fez dos conhecimentos prévios e olhares dos alunos uma prática a ser refletida.

Palavras-chaves: Currículo. Fotografia. Geografia.

1. INTRODUÇÃO

Na Geografia escolar, a urbanização tem sido um tema bastante recorrente nos livros didáticos. As definições podem variar desde a diferença entre cidade e município, a descrições de redes, megacidades, cidades globais, metrópoles, megalópoles até problemas sociais urbanos. Todas essas descrições são quase sempre acompanhadas de imagens, mapas e fotografias que reafirmam as palavras do texto. Frequentemente, cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Tóquio e Nova Iorque são usadas como referências. O global em detrimento do local é uma prática bastante recorrente dos livros didáticos para definir o tema da urbanização.

¹ Mestre em Ensino e História das Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutoranda pela Faculdade de Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora de Geografia da rede privada em Campinas – SP. E-mail: camerheb@gmail.com

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (BRASIL, 1999, p.311), o contexto da urbanização na Educação Básica deve se aproximar de uma preocupação onde o aluno possa se identificar no mundo através do espaço da sua vida cotidiana, ou seja, é necessário incluir o estudante no contexto real, que vai além das descrições, imagens e fotografias que configuram o livro didático.

Foi nessa situação, como professora de Geografia no Ensino Médio de uma escola particular da periferia da cidade de Campinas – SP, que comecei a pensar sobre tais inquietações. Como fazer os alunos entenderem o espaço urbano onde convivem? Como fazê-los se incluir no espaço como cidadãos participativos e atuantes? E por fim; como incentivá-los a criar a partir da construção de seus olhares a reflexão espacial da cidade, que não está escrita em livros didáticos e não obedece a nenhum currículo escolar?

A partir dessas perturbações é que surgiu o projeto do cartão postal – originário do diálogo com professores de outras disciplinas, como Artes e Redação, e que compartilharam a idealização de fazer pulsar na sala de aula e na escola, outra forma de se pensar o espaço.

Quando me refiro à outra forma de se pensar o espaço significa deixar de pensá-lo como estático e fechado tal como é proposto nos livros didáticos, onde a cidade em que os alunos habitam têm características similares às citadas – e pensar o espaço como um produto de relações e multiplicidades como a geógrafa Doreen Massey (2008) propõe. Para esta autora:

O mapa não é o território. [...]. Podemos, aqui, apesar de isso ser colocado em uma discussão mais ampla de representação, tomar o caminho como sendo um caminho verdadeiro (não uma representação/conceituação). Não é o mapa, é o próprio território. O caminho não é uma instantaneidade estática. Certamente podemos agora evocar conclusões do próprio Lacau. Todo espaço, ele escreve, como vimos, desarticulado. (MASSEY, 2009, p.53)

Logo, foi escolhido para esta experiência o uso da fotografia e a rasura da mesma, como a representação do espaço em que os alunos habitam e o que o define como território. Se levarmos em conta o que essa autora propõe, o uso do cartão postal compactua a essa ideia, ou seja, o aspecto representacional do espaço em que os alunos convivem pode ser repensado na Geografia escolar, e para Massey (2009, p.54): “[...] existe uma crise de representação, [...] o próprio espaço, o espaço do mundo, longe de ser equivalente à representação, tem de ser i-representável, naquele último sentido, mimético.”

A proposta foi a de emergir a partir do olhar fotográfico e da rasura, a cidade como possibilidade de acontecimento, fazendo das suas miradas uma nova forma de se pensar o local. As imagens, mapas e fotos dos livros didáticos traz a ideia de tempo e espaço congelados. Se tomarmos como definição de que o espaço também é tempo, apontamos aqui a impossibilidade de mostrar toda a intensidade do espaço num mapa ou numa foto de livro didático, uma vez que estas obras – mapas e fotos – são marcadas pela ideia de sincronia, de simultaneidade. A proposta do cartão postal que posteriormente foi rasurado pelos alunos nos programas de informática aponta justamente o contrário disto – há situações urbanas diacrônicas e desajustadas, que contemplam outras realidades que diferem muito do que o livro propõe. Forçar o pensamento dos alunos para uma imaginação alternativa, de um espaço heterogêneo e que se relaciona para outros lugares, além da sala de aula foi uma das nossas aspirações.

Além disso, pensar no currículo como determinante no conhecimento que será aplicado na escola me forçou a entender em como os critérios utilizados em livros didáticos estão intrinsecamente ligados aos interesses que ali estão colocados. Diante dessa situação, Silva nos auxilia a refletir:

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela que parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados. (SILVA, 2011, p.15)

Dessa forma, escolhi então usar os conceitos que estavam selecionados no livro didático adotado pela escola, e a partir dele, buscar novas formas – as que pertencem à realidade dos alunos – porém, com novas abordagens estéticas, como a poesia, a música e fotografias não convencionais para tratar o tema “urbanização”.

Diante disso, encontramos nas palavras de Oliveira Jr.(2012) a sugestão da arte como potência, como aquela que retira as imagens e o pensamento de dentro dos clichês que os capturam, ou seja, instigar os alunos a pensar o espaço em que vivem, mas com a condição de serem os autores do pensamento, sem a interferência do lugar-comum que as imagens dos livros didáticos sugerem acerca da urbanização.

2. O DESENVOLVER DO PROJETO

A partir daqui irei descrever detalhadamente como as coisas aconteceram a fim de que se possa entender a proposta inicial que foi a de desviar os caminhos curriculares e engessados dos livros didáticos e derivar para outras potências, como por exemplo, pensar o espaço de uma forma múltipla.

A ideia original do cartão postal surgiu da leitura de um artigo científico onde o autor Miranda (2011) propõe um trabalho com os alunos de uma escola da periferia da cidade de Rio Claro - SP. A proposta desse autor é que os alunos produzam fotografias digitais com as paisagens locais valorizando a estética das imagens da paisagem e do lugar pelos alunos. Relacionei essa experiência com a possibilidade de produzir a mesma situação, uma vez que a escola onde foi realizado este trabalho é na periferia de Campinas e os alunos pouco valorizavam seu espaço.

Geograficamente, a rodovia Anhanguera que fica às margens dessa escola divide duas classes sociais bastante distintas na cidade de Campinas - SP; e por essa razão, o professor de Artes sugeriu que fizéssemos os alunos escutarem a música “Trem das Cores”, de Caetano Veloso para sensibilizá-los e estimulá-los nas fotografias a partir das paisagens e das cores que compuseram a canção.

A partir dessa audição, criamos o nome para o projeto: “Anhanguera do lado de cá – os dois lados da janela”. E assim, com o nome pronto, pudemos ter mais clareza para desenvolvê-lo.

Em sala de aula, os alunos tiveram contato com fotógrafos que tentam fazer da imagem outro tipo de devir, ou seja, aqueles que fogem do clichê das imagens e criam outras perspectivas para uma imaginação mais alternativa, forçando o pensamento para além.

Ben Heine foi um dos fotógrafos sugeridos pelo professor de Artes. A razão para o uso desse fotógrafo é a de que ele encontrou um caminho diferente do qual estamos habituados: a alteração da realidade a partir da fotografia. Ele transforma as imagens com desenhos sobrepostos a partir de desenhos feitos a lápis em folhas brancas. A escolha desse fotógrafo nos indicou a alcançar um dos objetivos deste trabalho, que era o de criar uma nova realidade, imaginada a partir de si, como seguem os exemplos abaixo:

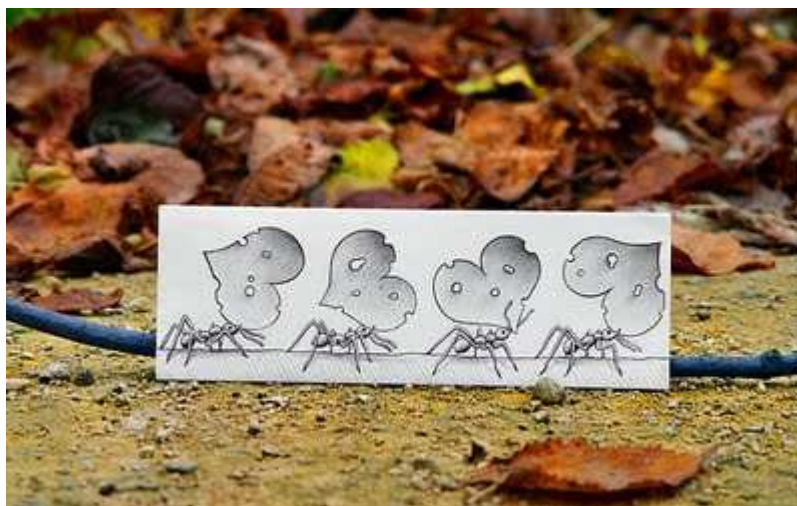


Figura 1: Pencil Vs Camera 36 . Fonte: Ben Heine.
Disponível em: <http://www.benheine.com/projects.php#>. Acesso em 13/07/2013

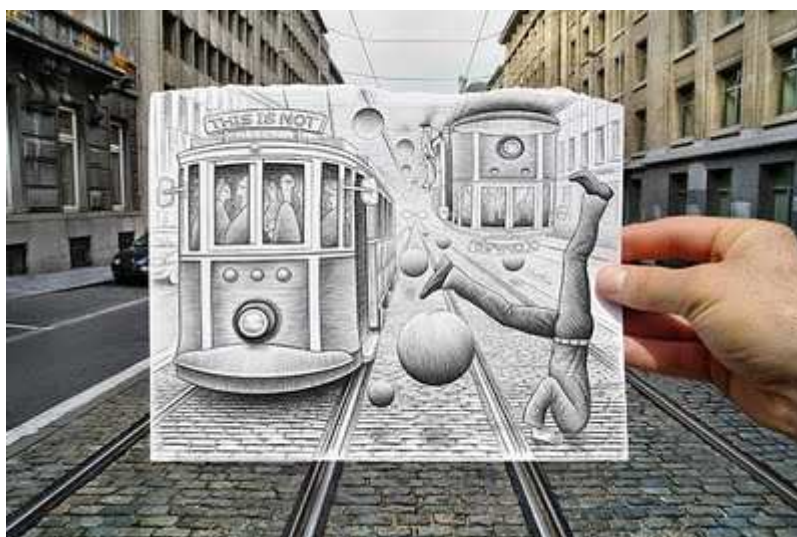


Figura 2: “Pencil Vs Camera 35”.Fonte: Ben Heine.
Disponível em <http://www.benheine.com/projects.php#> Acesso em 14/07/2013

Além de Ben Heine, outro fotógrafo utilizado para inspirar os alunos foi Tiago Macambira, que procura abordar em suas temáticas objetos de estudo da Geografia, como desigualdades sociais, violência urbana, manifestações populares, entre outros. A seguir, serão apresentadas algumas de suas obras que também serviram de inspiração para os alunos.



Figura 3: Fotografia de Tiago Macambira, de um condomínio fechado da cidade de Campinas-SP. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 4: Fotografia de Tiago Macambira, de um bairro da periferia da cidade de Campinas – SP. Fonte: Arquivo pessoal.

O passo seguinte foi escolher os pontos que seriam fotografados pelos alunos: a pedreira do Jardim Garcia, de um dos lados da rodovia e a torre do Castelo do outro. Com as máquinas fotográficas em mãos, os alunos registraram o que escolheram como imagens para seus cartões postais.

No laboratório de informática, foram instruídos a manipular essas imagens a partir de programas oferecidos pela internet, disponíveis nos seguintes sites:

<http://pixlr.com/>

<http://www.photoshop.com/>

<http://www.befunky.com/>

Assim, foram conduzidos a rasurar suas fotografias e forçar o pensamento que antes estava imóvel para outros tipos de capturas.

Quando as fotos estavam prontas e digitalizadas, os alunos e o professor de Redação criaram poesias para compor as mensagens que os cartões postais levariam consigo. As poesias criadas pelos alunos se encontra ao que Eduardo Pellejero (2009) sugere como potencialidade da literatura, como aquela que permite a fabulação, de lutar contra algo já estabelecido. E a partir disso, os alunos criaram suas obras.

2.1 A produção dos cartões postais

As criações dos alunos tiveram em comum algumas imagens dos locais, porém a forma de como esse registro foi feita é o que diferencia o trabalho de cada um deles, juntamente com o tipo de texto que foi redigido. A seguir, algumas das produções e suas respectivas análises (os textos foram reproduzidos na íntegra):

Título: “Campinas, cidade onde nasci.”

	Quando alguém me pergunta, Qual cidade onde nasci... Orgulhosamente respondo: Campinas!Campinas! Cidade das andorinhas que ao entardecer num passado distante, escurecia num instante, todo céu que antes estava azul-anil. Essa é a minha cidade ... Campinas! Venha visitar Campinas, sentir orgulho e prazer em conhecer esta cidade tão maravilhosa, umas das maiores metrópoles.Toda diversão acompanhada de segurança saúde e transporte , trazendo toda tranquilidade que você necessita . Pontos turísticos não faltam , torre do Castelo (foto) , é um grande exemplo ; além de P.Taquaral , estádio de futebol , Teatro centro de convivência , Universidades, enfim...tudo isso é...Campinas !
--	---

Figura 5. Fotografia dos alunos do 2º ano do Ensino Médio.
Fonte: SOUZA (2012)

Título: “Cidade Pagã”

	Cidade Pagã Deus está representado em todos os lugares da cidade. Cercados de igrejas e cristãos, o cristianismo perdeu seus fundamentos. O que representa Deus em nossa sociedade? Cercados de filosofias, teorias, sermões e afins, nos perdemos em meio ao realismo paralelo? Somos levados a acreditar que uma força maior nos controla e faz as coisas seguirem seu curso de forma correta, não discordo. Uma cidade cheia de cristãos pagãos onde Deus está em tudo e ao mesmo tempo não se faz presente em nada. As coisas mudaram, nossa crença no poder divino também?
---	--

Figura 6. Fotografia dos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

Fonte: SOUZA (2012)

Título: “Mato e cimento”

	Mato e Cimento O mundo de cimento e aço Esconde em seus recônditos a fortaleza de rochas e verdes de uma beleza selvagem As lajes e telhados se comunicam Com as copas das árvores E o asfalto negro Proseia com o chão de terra batida. Os pássaros gorjeiam contra o ruído Das feras metálicas Protestando o fim de uma paz efêmera Ultrapassada....(e esquecida) Todos juntos num furor sincrético De fortaleza de pedra e muros de cimento.
---	---

Figura 7. Fotografia dos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

Fonte: SOUZA (2012)

Título: “Que cidade é essa?”

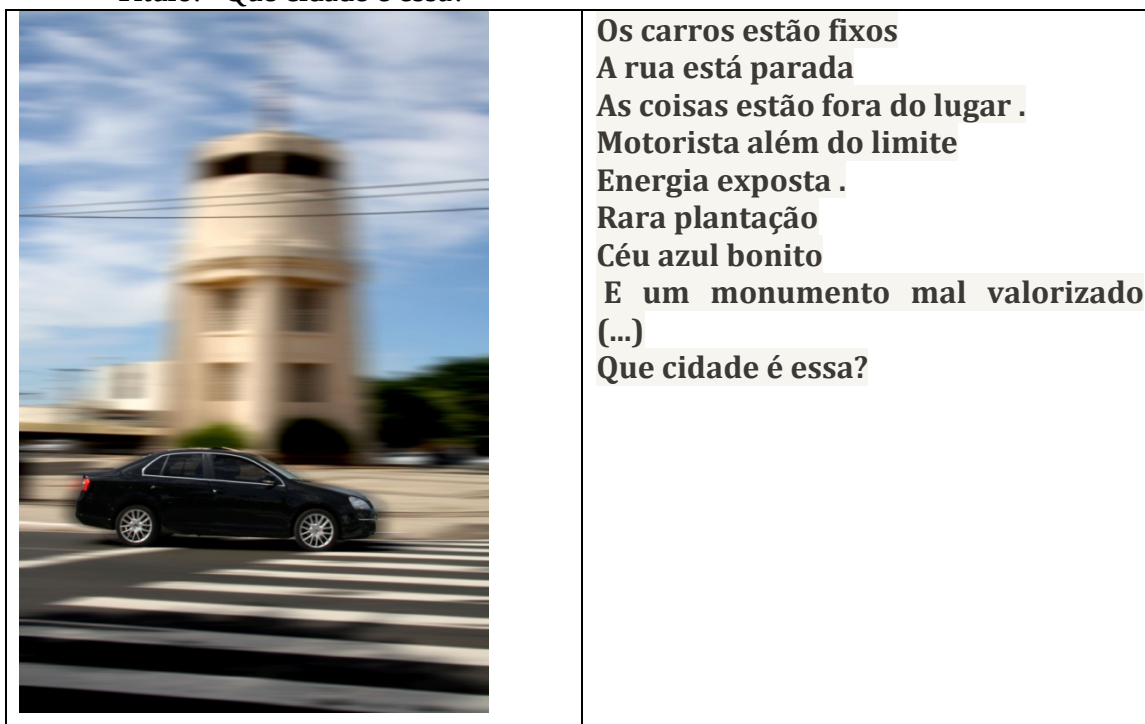


Figura 8. Fotografia dos alunos do 2º ano do Ensino Médio.
Fonte: SOUZA (2012)

Foram selecionados quatro cartões postais de uma amostragem de dezesseis. A escolha pelos que aqui se apresentam foi aleatória, e os demais ausentes possuem imagens e textos semelhantes.

2.1.1 Uma breve análise imagética dos cartões postais

Os cartões das figuras 5 e 8 foram fotografados na torre do Castelo, que seria o lado mais rico da rodovia Anhanguera. Na figura 5, os alunos procuraram valorizar o espaço mais nobre reafirmando sua origem com bastante orgulho. Massey (2009, p.32) reconhece o espaço como o produto de inter-relações, sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. O que podemos perceber no cartão da figura 5 é justamente essa relação pessoal e individual dos alunos que se reafirmam como seres existentes do lugar onde nasceram e da importância que lhes é dada, na tentativa de valorização do local usando inclusive palavras como “orgulho” e “cidade tão maravilhosa”. A rasura produzida pelos alunos também propõe uma contemplação à torre do Castelo, como se ele estivesse enfeitado e festejado. O fundo em preto e branco e o colorido que o adorna sugere uma alta valorização do espaço.

O cartão da figura 8 procura identificar no texto a descrição da sua imagem. Os alunos fixaram o que é móvel – o carro; e movimentaram o que é imóvel – a torre. Essa inversão de mobilidades é o que fez o pensamento derivar. Invenções e verdades de Tavares (2009, p.99), onde explica que “cada conceito é uma invenção da linguagem, uma tentativa de aproximação da linguagem às coisas”. A reinvenção das mobilidades que é produzida na imagem desestabiliza o lugar, fazendo com que a mesma adquira um caráter pedagógico de se estabelecer o modo de vida urbano nas grandes cidades: o excesso de velocidade, o concreto que substitui a natureza e a energia que é conduzida pelos fios de alta tensão.

Ambos os cartões, que retratam o mesmo espaço, conferem subjetividades distintas que foram praticadas com o exercício do olhar dos alunos fotógrafos e autores dos textos.

Nos cartões das figuras 6 e 7, os alunos optaram por fotografar o lugar mais perto da escola; a Pedreira do Jardim Garcia. Ao contrário dos outros cartões supracitados, esses cartões tentam distinguir uma percepção crítica e religiosa.

O cartão da figura 6 identifica a sobreposição de camadas entre a natureza e o concreto das grandes cidades. Existe uma crítica dos alunos em relação ao espaço como se a cidade tivesse invadido o ambiente daquilo que anteriormente pertencia à natureza, como por exemplo, os pássaros que protestam contra o ruído e o chão de terra batida que proseia com o asfalto negro.

Observa-se que na mesma foto, há uma pista de skate e que parece estar abandonada. A Pedreira do Jardim Garcia, um amplo espaço que deveria ser destinado ao lazer e recreação, atualmente está abandonado e mal aproveitado, também sendo ponto de usuários de drogas.

O cartão da figura 6, em contrapartida, faz uma forte referência à religiosidade cristã. Com uma fotografia da capela da Pedreira, os alunos que são evangélicos, questionam o uso exagerado das imagens e que acabam criando uma situação de desconforto como se as imagens os obrigassem a acreditar na mensagem religiosa, que é sinalizada por interrogações questionando a fé, a religiosidade e o uso da mesma nas grandes cidades.

O caráter religioso desses alunos revela uma questão cultural e não aceitam o culto às imagens e a religiosidade católica imposta.

Nota-se que entre os cartões postais observados, os que referenciam a torre do Castelo usam uma abordagem bem diferente das fotografias da pedreira do Jardim Garcia. Os elementos das fotos caracterizam a relação que os alunos estabelecem com a cidade de Campinas e do bairro onde vivem, trazendo assim aquilo que o livro didático dificilmente possibilitaria: a essência do olhar dos alunos a partir da sua realidade e do modo de observar o

mundo. A valorização pelo bairro mais nobre em detrimento do próprio bairro em que vivem que despontou nas fotografias revela a dinâmica da reprodução social que Silva denuncia:

A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar. [...]. Os valores e hábitos de outras classes podem ser qualquer outra coisa, mas não a cultura. (SILVA, 2011, p. 34)

Sendo assim, valorizar a cultura dos alunos e do local onde vivem contribui para que o processo de reprodução social imposto pela classe dominante não seja perpetuado, permitindo-lhes o acesso maior ao sistema educacional, dando-lhes a chance de denunciar com o que não concordam, mesmo que para isso se use o julgamento religioso.

3. AS FOTOGRAFIAS E O CURRÍCULO

Foi possível detectar neste trabalho como o desvio curricular capacita os alunos nas suas potências, seja na forma artística, na crítica ou mesmo até no novo olhar geográfico. Encontrar possibilidades em meio ao dia-a-dia escolar, com exigências burocráticas, prazos e avaliações acaba sendo um desafio para qualquer professor em sala de aula, principalmente em uma escola privada.

Cabe a nós, educadores, a disponibilidade e a concessão para o exercício de atividades que nem sempre são muito bem vindas aos olhos de quem coordena e dirige a escola.

Retomando as perguntas iniciais deste artigo: “Como fazer os alunos entenderem o espaço urbano onde convivem? Como fazê-los se incluir no espaço como cidadãos participativos e atuantes? E por fim; como incentivá-los a criar a partir da construção de seus olhares a reflexão espacial da cidade, que não está escrita em livros didáticos e não obedece a nenhum currículo escolar?”.

As respostas estariam na prática, no desafio e na coragem de desviar da rigidez do livro didático e do engessamento que uma estrutura escolar propõe.

O conteúdo a ser explorado no momento da realização do projeto era urbanização, e aproveitamos a oportunidade para realizar e desenvolver nossa temática em torno das fotografias. O conteúdo do livro didático utilizado pela escola teoriza os seguintes temas: 1. Definições básicas; 2. O que é urbanização; 3. Origem e evolução das cidades; 4. A cidade hoje; 5. O sítio e a situação urbana; 6. Função urbana; 7. A urbanização moderna; 8. A

urbanização nos países desenvolvidos; 9. A urbanização nos países subdesenvolvidos; 10. A metropolização; 11. O fenômeno da urbanização e 12. As megacidades e as cidades globais. (SCALZARETTO, 2008 p.50-88).

As imagens que compõem os assuntos vão desde tabelas, gráficos e mapas e alguns arquivos de imagens fotográficas sem identificação das fontes. A linguagem fotográfica é bastante estática e pouco contribui para o entendimento ao nível do particular, do local, ou seja, da cidade e do bairro onde vivem. O objetivo de memorização do assunto à imagem reforça o pensamento que é pouco estimulado para criar, interagir e fabular.

A partir disso, Oliveira Jr. ,Soares contribuem ao analisar as fotografias dos livros didáticos argumentando:

Essas imagens fotográficas, tal como estão colocadas nos materiais didáticos de geografia, funcionam quase que exclusivamente como provas ou exemplos do que se afirma no texto escrito que antecede, sucede ou legenda. Desta forma, podemos dizer que as fotos auxiliam no processo de memorização, permitindo que, no futuro, os estudantes relembrem a “matéria” a partir da lembrança da fotografia. (OLIVEIRA Jr. , SOARES, 2012, p. 115)

Derivar e fazer com que as fotografias dos alunos, suas rasuras e poesias componham o assunto urbanização valoriza e enriquece a participação do aluno como autor da construção do seu próprio conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa experiência pude constatar que a escola nos sugere que sejamos profissionais atuantes participativos em projetos pedagógicos. Os assuntos quando são transversais dialogam e sugerem estruturas curriculares que ainda estão presos tanto à própria escola quando aos temas dos PCNs.

O que pode nos auxiliar como educadores é atravessar por meio de experimentações, resistindo e colocando em devir algumas argumentações no campo da Geografia, principalmente no que se refere ao pensamento espacial.

Deslizar o currículo para outros possíveis, fez com que os alunos descobrissem através do seu próprio olhar a descoberta da sua cidade por outros pensamentos, desamarrando assim conceitos estáticos de livros didáticos. Não se trata de negar o que já está posto, mas sim forçar o pensamento para outros devires.

Silva (2011) sugere como o currículo nos aprisiona quando:

[...] depois das teorias críticas e pós-críticas, não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais os confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso [...]. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA 2011, pág. 150)

Compete a nós, educadores destacarmos a potencialidade de cada aluno a partir das nossas perspectivas curriculares e conhecer outros caminhos que os façam refletir em busca do papel daquilo que a escola permite – conviver com o mundo através de todos os sentidos, mesmo que esses sejam as imagens, a escuta ou a própria vivência espacial.

DEVIATIONS CURRICULUM AND GEOGRAPHICAL TRIDES CLASSROOM IN BASIC EDUCATION

This paper proposes a discussion of the academic with the involvement of a pedagogical experiment conducted in the second year of high school at a private school in the city of Campinas – SP.

Thought interdisciplinary and same deviations curriculum, students were encouraged thought songs, poems and pictures to produce a postcard of two sites from Campinas, socially segregated by a highway. After the productions, students have erased your photos by manipulating the computer programs and created poems. Thus, thought to have forced an imagination alternatively sliding images and concepts of textbooks for new spatial approaches. It is a methodology of action research based on observation of the psychosocial work produced by the students and in dialogue with other teachers involved in a project. The proposal aimed to spatial recognition about the place where they live with a new geographical focus, where students were able to relate pictures with their differences and dualities.

This experiment was only possible to be performed by the escape of the textbook and the option for a more flexible curriculum and that made the previous knowledge of the students and looks a practice to be reflected.

Key words: Curriculum. Photography. Education

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia (Ensino Médio)**. Brasília, DF, 1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIRANDA, Sergio Luiz. As imagens artificiais na sociedade contemporânea e no ensino de Geografia: uma abordagem através da análise e produção de cartões postais em aula. **Revista Brasileira de Educação e Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p.123-148, jan/jun, 2011.

OLIVEIRA Jr. Wenceslao. Desasfixiar pensamentos, desfigurar lugares em imagens, 2012. Disponível em:< http://www.geoimagens.net/#!_sp/textos>. Acesso em: 13/07/2013.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao & SOARES, Elaine dos Santos. Fotografias didáticas e geografia escolar: entre evidências e fabulações. **Percursos**. Florianópolis, v.13, n. 01, PP 114-133. Jul/Dez, 2012.

PELLEJERO, Eduardo. **A postulação da realidade**. Lisboa: Vendaval, 2009.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre a ciência**. Lisboa: Relógio D'água, 2006.

SCALZARETTO, Reinaldo. **Coleção Anglo**. São Paulo: Anglo, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 3ª edição, 2011.

Artigo recebido para avaliação em 22/07/2013 e aceito para publicação em 18/08/2013